

DARWIN E WALLACE: PLÁGIO OU CALÚNIA?

Lucio Ferreira Alves

Fundação Oswaldo Cruz

grande.timoneiro@terra.com.br

Há cerca de 150 anos, em 1859, Charles Darwin publicou *A Origem das Espécies* livro que mudaria não apenas a sua própria vida, mas também a maneira como encaramos o mundo hoje.

Darwin (1809-1882) era o que pode se chamar ‘bem nascido’. Seu pai, Robert, era um rico proprietário de terras, médico conhecido e *whig* convicto. Seu avô paterno, Erasmus, era igualmente médico e também botânico. O avô materno, Josiah Wedgwood, foi o patriarca da cerâmica. Ambos ajudaram a fomentar a Revolução Industrial na Inglaterra.

Em 1825, aos dezesseis anos, Darwin foi enviado para estudar medicina na Universidade de Edimburgo de onde saiu dois anos depois sem concluir o curso. A próxima tentativa de conseguir uma carreira respeitável, foi a Universidade de Cambridge, onde foi matriculado para estudar teologia. A sua passagem por Cambridge foi decisiva para o seu futuro, pois foi aí que ele passou a assistir as palestras de John Henslow, clérigo, professor de botânica, e principalmente, mentor de Charles. O próprio Darwin (1882) admite que Henslow foi quem mais influência exerceu sobre ele. Foi também Henslow que o indicou para acompanhar o capitão Fitzroy na viagem do *Beagle* (BOWLBY, 1991; BOWLER, 1983; DESMOND e MOORE, 1991).

Darwin confessa que nada poderia ter sido pior para o desenvolvimento da sua mente do que a escola do dr. Butler, onde ele ingressou aos nove anos de idade. Da mesma forma, o tempo que ele passou em Edimburgo e em Cambridge foi “completamente perdido” (DARWIN, 1882, p. 58). Ainda assim, esse homem produziu uma revolução no pensamento humano, chocou o mundo com as suas teorias heréticas e modificou o curso da biologia, da filosofia e da teologia, de tal modo que o mundo nunca mais seria o mesmo depois da publicação dos seus trabalhos.

Darwin mudou radicalmente a concepção que se tinha do mundo, embora dificilmente se possa afirmar que fosse essa a sua intenção. O seu propósito era lançar uma luz sobre a origem das espécies através da seleção natural, que ele definiu como o princípio através do qual toda variação, por menor que seja, tende a ser preservada desde que apresente alguma utilidade para o indivíduo que a apresente (DARWIN, 1859).

Desde a juventude ele era um naturalista apaixonado e um colecionador ávido de besouros. Apesar disso, a sua função no *Beagle* era simplesmente de acompanhar o capitão do navio, Robert Fitzroy, que estava encarregado de realizar um levantamento costeiro da América do Sul. Este empreendimento já havia começado havia cinco anos e o seu objetivo era político e econômico. O comércio com o continente sul-americano era disputado pelas potências da época, assim foram criadas companhias especialmente para a exploração dos recursos naturais da região e investidas somas imensas nos governos nacionais emergentes. Para derrotar os seus concorrentes, a Marinha real inglesa precisava conhecer bem os portos locais, para que seus navios tivessem fácil acesso a eles (DESMOND e MOORE, 1991).

Darwin teve o *insight* de como as espécies se formavam em 1838 através da leitura de Malthus, *Ensaio sobre a População*. O mesmo ocorreu com Wallace e foi isso que levou a especular de que a sugestão de Malthus de que guerras, fome, doenças e acidentes mantinham as populações estáveis, também poderia ser aplicada aos animais e plantas. Em 1842 ele já tinha o primeiro esboço, de apenas 35 páginas, do que viria a ser *A Origem das Espécies*. Dois anos depois, o texto foi aumentado para 230 páginas. Darwin, o considerou o trabalho mais importante da sua vida. Ainda assim, ele esperou 25 anos para publicá-la.

Em 1855, Wallace publicou um ensaio intitulado *Da Lei que Regula a Introdução de Novas Espécies*, no qual afirmava que “todas as espécies surgem tanto no tempo como no espaço através de espécies intimamente relacionadas”. O trabalho apareceu no número de setembro dos *Annals and Magazine of Natural History*. Darwin o leu, mas nem assim publicou as suas próprias observações e, no início de 1856, Lyell o aconselhou a fazê-lo de forma imediata e completa.

Três anos mais tarde, Wallace enviou a Darwin uma carta com uma cópia do seu manuscrito *Sobre a Tendência das Variedades se Afastarem Indefinitamente do Tipo Original*, no qual ele relatava a sua própria teoria da seleção natural. Darwin ficou absolutamente surpreso com o trabalho de Wallace. Numa correspondência enviada a Lyell, ele comentou:

Sua afirmação de que alguém se anteciparia a mim materializou-se da maneira mais incomum (...). Nunca vi coincidência mais impressionante. Se Wallace dispusesse de meu manuscrito, redigido em 1842, não poderia ter feito um resumo melhor! Até seus termos figuram hoje como Títulos de meus Capítulos (...). Portanto, toda a minha originalidade, seja ela qual for, será destruída (DARWIN, 1858, p. 107).

Só então, com a interferência de Lyell e Hooker, o trabalho dos dois foi apresentado em conjunto na reunião da *Linnean Society*, em 1º julho de 1858, embora nenhum dos dois estivesse presente ao encontro.

Existe aqui uma interessante analogia histórica com Copérnico. O astrônomo polonês esperou trinta anos para trazer a público a sua teoria heliocêntrica. No prefácio que escreveu para o Papa, ele enfatiza que a sua relutância se devia ao receio da reação dos ignorantes. A sua decisão de publicá-la veio quando George Joachim Rheticus se aproximou de Copérnico com objetivo de aprender mais sobre a teoria heliocêntrica. Em apenas um ano, Rheticus preparou um manuscrito, *Narratio prima*, descrevendo a teoria Copernicana. Encorajado pelo sucesso do seu empreendimento, que atingiu uma ampla audiência com duas edições, o próprio Rheticus convenceu Copérnico a publicar as suas conclusões (DEBUS, 1996).

A razão pela qual Darwin esperou tanto tempo para mostrar a sua teoria, não está clara. Em sua autobiografia, ele não oferece qualquer explicação para o fato, mas admite não ter tido a intenção de publicar o seu manuscrito, uma vez que o mesmo estava mal escrito, enquanto que o de Wallace era “admiravelmente formulado e muito claro”. Seus planos, contudo, “sofreram uma reviravolta”, como ele mesmo escreveu, ao ler o trabalho de deste. Darwin observa, ainda, que a princípio relutou em permitir uma apresentação conjunta dos dois trabalhos, pois Wallace poderia considerar injustiçada essa atitude (DARWIN, 1882, p. 105).

Entretanto, a decisão de se realizá-la sem o conhecimento de Wallace, tem gerado algumas especulações infundadas e maldosas. Por exemplo, sem fornecer qualquer justificativa plausível, o jornalista Robert Wright (1994) afirma que Hooker e Lyell *sabiam* que Wallace poderia resistir a uma publicação conjunta com Darwin. Assim, adotaram, ainda segundo Wright, a única opção capaz de garantir que a teoria da seleção natural passasse à história como sendo de Darwin. Wright (p. 306) sustenta ainda que essa “opção não era uma opção”, pois isso provocaria um escândalo que macularia a reputação de Darwin. Todavia, esse tipo de argumento está totalmente desprovido de fundamento, não passando de mera especulação, pois como observa o historiador da ciência, Peter Bowler (1989, p.186), “um homem menos honrado teria destruído o ensaio e se descartado de Wallace”. Wright também não explica o motivo da resistência de Wallace, uma vez que o próprio Wallace escreveu com orgulho à mãe (fato que o próprio Wright cita em seu livro):

Eu enviei ao senhor Darwin um ensaio sobre uma matéria sobre a qual ele está escrevendo agora um grande trabalho. Ele o mostrou ao Dr. Hooker e a *Sir* Charles Lyell, eles o apreciaram tanto, que o levaram para ser lido diante

da *Linnean Society*. Isso me garante o reconhecimento desses homens eminentes quando eu voltar para casa (WALLACE, 1905, v. 1, p. 365).

Além disso, em *Minha Vida*, Wallace se refere diversas vezes a Lyell e a Hooker. Sobre o primeiro, ele escreveu:

entre os eminentes homens da ciência com os quais eu me tornei mais ou menos íntimo durante o meu período de residência em Londres, eu coloco *Sir Charles Lyell* em primeiro lugar, não apenas devido às suas grandes habilidades e a sua posição como um dos homens mais brilhantes do século XIX, mas porque eu vi nele, mais do que em qualquer outro homem um pensador e líder do mundo da ciência' (WALLACE, 1905, v. 1, p. 417).

Ele também se referiu a inestimável ajuda que os ensaios de Hooker tiveram para os seus próprios trabalhos.

Não parecem ser palavras escritas por alguém capaz de resistir a uma trama arquitetada contra os seus trabalhos. É uma teoria da conspiração que não houve.

Wright não esconde que antes do caso Wallace, Darwin já tinha escrito a Lyell dizendo que lhe desagradava a idéia de escrever para garantir primazia, mas depois numa carta dirigida à Hooker confessa que estava enganado. O jornalista admite que o comportamento de Darwin pode fazer sentido à luz da psicologia evolutiva.

Wright chama Darwin de 'subserviente' por chegar cedo às palestras de Henslow para ajudá-lo a montar o equipamento. Ao mesmo tempo, ele admite "seu relacionamento [com Henslow] era como milhões de outros na história da nossa espécie" (p. 290). Ele diz ainda textualmente que "Darwin (...) fazia esplendidamente o que os seres humanos são destinados para fazer: manipular as informações sociais em proveito próprio" (p. 287). Wright nota ainda que o amor à fama é inerente ao ser humano, e Darwin tinha o seu quinhão. Bem, se é assim, o comportamento de Darwin não pode causar surpresa a ninguém. E muito menos crítica.

Wright também observa que Darwin compareceu à entrevista com Fitzroy "disposto a reverenciá-lo", mas que anos mais ele o descreveu como um homem "que tem o mais rematado talento para olhar tudo e todos de uma maneira perversa" (p. 291) e Wright dispara: "Mas então, ele podia dar-se a este luxo" (p. 291). Entretanto, a mudança da opinião de Darwin a respeito de Fitzroy pode ser outra, que não a adulação: depois de seis anos de convívio, ele conhecia melhor o capitão. E ele deixa isso claro ao descrevê-lo:

Fitz-Roy (sic!) tinha um caráter singular, com muitos aspectos nobres: era dedicado ao dever, generoso, destemido, resoluto, de um vigor imbatível e amigo ardoroso de todos os que estavam sob seu comando. Dispunha-se a enfrentar qualquer dificuldade para auxiliar aqueles que julgava dignos de ajuda (DARWIN, 1882, p. 72-73).

Mas Darwin continua:

“O temperamento de Fitz-Roy era dos mais lastimáveis. Tinha uma emotividade exacerbada e acessos prolongados de mau humor contra aqueles que o ofendiam. Seu humor costumava ser pior de manhã cedo. Com olho de lince, conseguia descobrir alguma coisa errada no navio e não poupava críticas” (DARWIN, 1882, p. 72-73).

Wright enfatiza que “*se* Wallace tivesse enviado o seu artigo para um periódico científico em vez de enviá-lo a Darwin – na verdade, se o tivesse enviado a qualquer um, menos a Darwin – ele hoje poderia ser lembrado como o primeiro homem a propor a teoria da evolução pela seleção natural” (p. 305). Darwin e Wallace já haviam trocado correspondência e tratado sobre o assunto. Entretanto, Darwin só tomou conhecimento de Wallace em 1855, mas o primeiro influenciou o segundo a partir de 1842, com a leitura do *Journal of Researches*. Numa carta dirigida a Henry Bates em 1846, Wallace admite que foi esta publicação (e o livro de Alexander von Humboldt), que o levou a viajar para os trópicos. Darwin também escreveu a Wallace, afirmando ser impossível explicar as causas da variação, em uma simples carta (KOTTLER, 1985).

A condicional *se* empregada por Wright, pode ter diversas especulações: e *se* a carta de Wallace tivesse sido extraviada? E *se* Darwin tivesse se livrado dela? E *se* Wallace tivesse pedido a opinião de outro naturalista em vez de Darwin? E *se* Darwin tivesse publicado o seu trabalho antes de receber o ensaio de Wallace?

A teoria da seleção natural foi e continua sendo mal interpretada e deturpada. Entretanto, recentemente o próprio Darwin, e não apenas a sua teoria, passou a ser alvo de ataque por parte da Fundação Wallace, segundo a qual Darwin teria plagiado Wallace.

Paul Spencer Sochaczewski (2008), em artigo publicado no jornal *International Herald Tribune*, pergunta: Será que Darwin plagiou Wallace? Segundo ele, a questão pode ser abordada em termos legais ou anedóticos. Ele cita David Hallmark, advogado e conselheiro da Fundação Wallace na Indonésia, segundo o qual, como Darwin não havia publicado a sua teoria e a carta de Wallace o

estimulara a fazê-lo, Wallace é que merece o crédito pela descoberta, e Darwin, independentemente do que escreveu, foi o segundo.

Sochaczewski afirma ainda que Hooker (é interessante notar que ele não menciona Lyell) ajudou Darwin a manipular a apresentação na *Linnean Society*, em benefício do primeiro. Ele também argumenta que a atitude de Darwin soou como a de Richard Nixon. Depois de comparar Darwin com Nixon, o jornalista afirma: “Não tenho certeza se Darwin plagiou Wallace. O que sei ao certo é: primeiro, a teoria da evolução mudou para sempre a forma como nós vemos nós mesmos e nosso lugar no universo. Foi um dos grandes saltos intelectuais da humanidade. Segundo: a reunião do dia 1º de julho de 1858 em Londres, mal produziu uma marola. O presidente da Sociedade Linneana, Thomas Bell, escreveu em seu relatório anual de 1858, que o ano "não foi marcado por qualquer daquelas descobertas que faz uma revolução instantânea no departamento de ciências no qual ocorre". Em resumo: o que Sochaczewski diz que sabe, todo mundo sabe.

Wallace foi um grande naturalista, além de destacado ativista político. Assim, a questão não é negar a sua importância, mas sim supor que tenha havido uma espécie de conspiração entre Hooker e Lyell, com o beneplácito de Darwin, para beneficiá-lo, ou que Darwin tenha plagiado Wallace. Sochaczewski afirma ponderar “ética e história”. No entanto, ele não faz nem uma coisa nem outra. A sua ponderação não é histórica. Tampouco é ética, pois não existe qualquer evidência plausível do plágio ao qual ele se refere. Ao contrário do que Paul Spencer sustenta, a questão não pode ser abordada em termos legais ou anedóticos, mas em pura calúnia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOWLBY, John. *Charles Darwin: A New Biography*. Pimlico. Londres: Pimlico, 1991.
- BOWLER, Peter. *Evolution: The History of an Idea*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- DARWIN, Charles Robert. *The Correspondence of Charles Darwin*, volume 7: 107-108. Cambridge: Cambridge University Press, 1858 (1991).
- DARWIN, Charles Robert. *The Origin of Species*. Penguin. London: Penguin, 1859 (1972).

- DARWIN, Charles Robert. *The Autobiography of Charles Darwin. 1809-1882..* New York: W.W. Norton Co, 1882 (1993).
- DEBUS, Allen George. *Man and Nature in the Renaissance.* Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- DESMOND, Adrian; MOORE, James. *Darwin.* New York: W.W. Norton Co, 1991.
- KOTTLER, Malcolm Jay. Charles Darwin and Alfred Russel Wallace: Two Decades of Debate over Natural Selection. In: *The Darwinian Heritage*, New Jersey: Princeton University Press, 1985. Cap. 14, p. 367-432.
- SOCHACZEWSKI, P.S. Who gets credit, who takes credit, for changing the world? *International Herald Tribune*, 21 de junho de 2008.
- WALLACE, Alfred Russel. *Da Lei que Regula a Introdução de Novas Espécies.* Disponível em *Alfred Russel Wallace webpage*. 1885. Acessado em 27 de abril de 2005.
- WALLACE, Alfred Russel. *My Life. A Record of Events and Opinions.* Londres: . Chapman & Hall, 1905.
- WRIGHT, Robert. *The Moral Animal.* New York: Pantheon Books, 1994.